

E-mail: [axexo@oglobo.com.br](mailto:axexo@oglobo.com.br). Blog: [oglobo.com.br/cultura/xexo](http://oglobo.com.br/cultura/xexo)

# ARTUR XEXÉO

## A IMAGEM

O Rio se olha no espelho e não gosta do que vê. Ali, no meio da testa, entre os olhos, estão as rugas de um estádio de futebol novinho, orgulho das autoridades que o chamam de “legado do Pan”, que precisa ser interditado por falta de segurança. Uma aplicação de Botox disfarça. Agora, é o pneuzinho na barriga formado pelo BRT, única novidade no transporte público nos últimos anos, vendido como solução para o futuro, que provoca uma morte atrás da outra na Avenida das Américas. Uma lipoaspiração dá um jeito. E as marcas de expressão que surgiram em torno dos lábios, consequência da fragilidade do Elevado do Joá que parece estar se desmontando? Um preenchimento labial resolve por enquanto. Pronto, o Rio já pode sair de casa sem provocar comentários maldosos dos vizinhos.

Mas, de repente, a cidade sofre um baque que não há cirurgia plástica que resolva. Um casal de turistas é atacado — ele é agredido, ela é estuprada — pelo motorista e por dois amigos seus numa van que os transportaria de Copacabana para a Lapa, percurso correto de turistas no Rio. E agora? O que os vizinhos vão dizer? A imagem da cidade está manchada, justo no momento em que ela se apronta para receber grandes eventos.

O Rio é vaidoso, todo mundo sabe. Mesmo assim, é difícil compreender por que, numa situação como esta, se preocupa tanto com sua imagem. Alguém imagina que a Jornada Mundial da Juventude, a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos serão suspensos porque uma turista foi estuprada no que suposta-

mente era um transporte público carioca? É claro que não. Mas e os turistas? Será que eles não vão evitar vir ao Rio por causa disso? Tomara que sim. Se for para serem estuprados em meio ao caótico transporte público da cidade, é melhor que não venham mesmo.

Imagens não fazem uma cidade. O Rio insiste em não acreditar nisso. Basta que um episódio de “Os Simpsons” brinque com algumas de suas mazelas para o programa de TV se transformar num incidente diplomático. Há oito anos, o seriado americano “Dexter” destrói a imagem de Miami. Se alguém levar a sério, vai acreditar que Miami possui a maior concentração de serial killers por metro quadrado de todo o planeta. Mesmo assim, a turistada, principalmente a brasileira, continua invadindo a cidade.

O caso da van que abalou a população no último fim de semana é exemplar. Três tarados pegaram emprestado uma van ilegal e circularam pela cidade em busca de uma vítima. No meio do caminho, antes de encontrarem seu alvo, pegaram outros passageiros. Quando, enfim, o casal de turistas embarcou, despejaram os passageiros extras e atacaram a dupla de turistas.

Algumas perguntas: como é que uma van ilegal circula impunemente pela cidade? Pelo que se soube depois, não foi a primeira vez. Por que os passageiros que foram obrigados a desembarcar não procuraram a polícia para contar o que estava acontecendo? Por que a polícia não fez nada quando recebeu a queixa de um caso anterior semelhante?

As vans são poderosas no Rio. Não há governador neste estado que consiga administrar em paz sem fazer um tipo de acordo qualquer com seus proprietários. Ela é o exemplo mais evidente da falência de nosso transporte público. Vans ilegais circulam com a mesma desenvoltura das vans que o governo legalizou. É impossível botar um policial dentro de cada van para impedir crimes no interior do veículo. O Rio resolveu impedir a circulação de motoristas embriagados e criou a blitz da Lei Seca. Está dando certo, não está? Será que é muito difícil criar blitz para as vans? Não precisa ser uma ação que se espalhe pela cidade. Mas, se houver blitz-surpresa em ruas de circulação de turistas, já não seria um adiantamento? Afinal, as vítimas do fim de semana passado não embarcaram num ponto obscuro da cidade, mas na

Avenida Atlântica, em Copacabana. Não deveria ser fácil circular com uma van ilegal numa das ruas mais movimentadas do Rio. Não é um exercício de imaginação supor que os passageiros que estavam na mesma van dos turistas não procuraram uma delegacia porque “a polícia não vai fazer nada mesmo”. Eles já deveriam estar aborrecidos por ter seu percurso interrompido. Ainda iriam se preocupar em passar a noite numa delegacia, driblando a burocracia e o desinteresse de policiais para fazer uma denúncia? Taí uma imagem com que o Rio deveria se preocupar: a imagem da polícia.

Talvez essa imagem precise mesmo ser mais bem divulgada. Se há algum ponto positivo nesse caso é a rapidez com que a polícia prendeu os três suspeitos. Menos de 48 horas depois do crime já estavam todos detidos (resta saber por quanto tempo). Mas tudo tem seu contrapeso. Ao mesmo tempo em que os três tarados foram identificados, outra vítima do grupo os reconheceu. E a população ficou sabendo que ela já tinha dado queixa numa Delegacia de Mulheres. Se a polícia tivesse agido naquela ocasião com a mesma desenvoltura com que agiu agora, o crime contra os turistas não teria acontecido. Como se vê, não é por acaso que a imagem da polícia do Rio está desgastada.

A imagem do Rio e a possibilidade de turistas estrangeiros se sentirem desestimulados a nos conhecer é o menor problema dessa história toda. Quando a cidade se olhar no espelho e vir o que ela realmente é por debaixo das muitas camadas de maquiagem e aplicações de Botox, talvez o Rio descubra como se tornar uma cidade maravilhosa de verdade. ●

# OS CANTINHOS MILIONÁRIOS DA SP-ARTE



MICHEL FILHO

**Pavilhão da Bienal.** A SP-Arte abre as portas hoje para convidados, reunindo 122 galerias, sendo 41 estrangeiras

**Feira que começa hoje em São Paulo com obras de até R\$ 14 milhões terá áreas para vendas ‘especiais’ das grandes galerias**

**AUDREY FURLANETO**  
Enviada especial a São Paulo  
[audreylfurlaneto@oglobo.com.br](mailto:audreylfurlaneto@oglobo.com.br)

O modelo já existe em feiras consagradas no mercado, como a Art Basel, na Suíça: há as “private rooms”, ou salas privadas, para as vendas mais especiais — leia-se de obras milionárias, cujos compradores exigem alguma discricção e certo privilégio de contemplar sozinho seu objeto de desejo. A SP-Arte, que começa hoje para colecionadores, no Pavilhão da Bienal, importou o conceito.

No ano em que recebe a maior concentração de gigantes internacionais de sua história (entre as 122 galerias, 41 são estrangeiras), a feira paulistana aumentou em 4 mil metros quadrados sua área e criou os tais espaços privados. Até então, os negócios mais caros eram fechados em salas dentro dos estandes, sem obras em exposição, como numa área mais administrativa das galerias. Agora, a americana Gagolian e a inglesa Lisson, por exemplo, já alugaram suas “private rooms”, que ficam fora dos seus amplos estandes de 120 metros quadrados e têm as “blue chips” (peças mais caras e disputadas) em exposição. Só entram convidados seletos e endinheirados. Lá, as galerias devem negociar obras de arte que chegam até a R\$ 14 milhões (os preços exatos são mantidos em sigilo).

— É natural que, com a vinda das grandes galerias internacionais, adotemos modelos já conhecidos nas principais feiras do mundo — explica a diretora da SP-Arte, Fernanda Feitosa.

Para ela, a estreia neste ano de Gagolian, Pace, David Zwirner e Hauser & Wirth — que, ao lado da White Cube, são as líderes do mercado mundial de arte — é resultado do “ótimo boca a boca que a SP-Arte tem no exterior”. Nos bastidores do evento, por outro lado, comenta-se que as quatro maiores do mundo decidiram testar a feira paulistana depois de passarem, no ano passado, pela ArtRio e sofrerem com pro-

blemas de organização. No Píer Mauá, a Hauser & Wirth, que representa, entre outros, a franco-americana Louise Bourgeois, chegou a fechar mais cedo seu estande, temendo que, por falta de segurança, suas obras fossem danificadas pelo público.

Mais longevo no mercado nacional (com nove edições, contra apenas duas da ArtRio), a SP-Arte costuma ser vista como a feira brasileira de padrão internacional. A White Cube foi a primeira entre as gigantes a desembarcar em São Paulo, na edição passada. Em poucas horas, comemorava a venda de obras acima de R\$ 1 milhão, como uma das célebres spot-paintings de Damien Hirst. Meses depois da feira, em setembro, a galeria londrina inaugurou uma galeria permanente na cidade.

Há outro motivo, talvez mais querido pelas estrangeiras, para apostarem na feira paulistana: o alardeado mercado brasileiro, na contramão da retração do cenário estrangeiro, dá sinais de crescimento — segundo a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex), galerias brasileiras negociaram US\$ 26 milhões fora do país em 2012, um aumento de quase 47% em relação a 2011.

### MARK ROTHKO, ALEXANDER CALDER E PICASSO

Outro atrativo para as galerias é o fato de, durante a feira, elas terem isenção de impostos — no caso das estrangeiras, o desconto se dá logo na entrada das obras no Brasil. Fora do período de SP-Arte e ArtRio, a tarifação na alfândega brasileira chega a 50% do valor de cada obra. Para as brasileiras, a isenção tem peso menor e diz respeito ao ICMS, ficando em cerca de 7%.

O desconto fará figurarem na SP-Arte trabalhos de Mark Rothko, Alexander Calder e Chuck Close, trazidos pela Pace, e de Picasso, na Van de Weghe. Desta vez, todas as galerias de mercado primário (caso das gigantes) ficarão concentradas no segundo andar — antes, ficavam divididas entre o térreo e o segundo piso, disposição que gerava descontentamento, pois parte delas se sentia desprestigiada. Agora, na entrada do Pavilhão da Bienal, o público verá só os projetos educativos do evento, como o laboratório curatorial liderado por Adriano Pedrosa. Os negócios mesmo, mote de qualquer feira, só começam no andar de cima. ●

### ALÉM DO PAVILHÃO

## MOSTRAS PARALELAS DE PESO AGITAM A CIDADE

Desde 2009, Vik Muniz não fazia uma exposição individual no Brasil. Fará agora, durante a SP-Arte, “Espelhos de papel”, que a Nara Roesler abre hoje ao público. O ensejo da feira é aproveitado não só pelas galerias, mas pelas instituições paulistanas. Valem-se do movimento em torno da arte que traz à cidade colecionadores, curadores e críticos para mostrar artistas ou abrir seus espaços a convidados de outros países.

A Pinacoteca, por exemplo, inaugura instalação do belga Francis Alys amanhã. No mesmo dia, a Casa de Vidro mostra o resultado de uma exposição que começou no ano passado e teve obras criadas desde então, com curadoria de Hans Ulrich-Obrist e artistas como Tamar Guimarães e Rivane Neuenschwander.

É nas galerias comerciais, porém, que o movimento de eventos paralelos é mais intenso. A londrina White Cube reúne Damien Hirst, Sterling Ruby e Daniel Senise na coletiva “O gesto e o signo”, com abertura ao público hoje. Já a Luisa Strina e a Fortes Vilaça, de São Paulo (ao lado de Nara Roesler), unem-se para fazer, numa galeria brasileira, a primeira individual do dinamarquês Olafur Eliasson, que vive entre Berlim e Copenhague. Além de obras inéditas, a mostra (aberta hoje ao público) tem duas grandes instalações do artista que aborda questões sensoriais e de percepção.

O tema também é caro ao brasileiro Vik Muniz, que expõe 11 fotografias na Nara Roesler. As obras são a continuação da série Pictures of Magazine, iniciada em 2005. Se, num primeiro momento desse trabalho, o artista usava picotes simétricos de revistas (feitos com um perfurador), agora sua colagem se vale de fragmentos rasgados, sem um padrão definido, das publicações. Assim, “A origem do mundo”, de Courbet, transforma-se numa colagem de milhares de recortes de revistas, em que se vê de um ensaio de Madonna aos rostos de Kate Moss e David Bowie. Com os fragmentos, ele refaz ainda telas de Eckersberg, Whistler, Monet e Willem de Kooning.

Cada foto tem 12 tiragens — seis em grande formato e seis menores. Os preços variam de US\$ 39 mil a US\$ 59 mil, e a tiragem pequena da colagem que faz do “Vaso de flores”, de Monet,



FOTOS DE DIVULGAÇÃO



### Em cartaz.

Acima, “After Breakfast, After Elin Danielson Gambogi”, trabalho de Vik Muniz, em exposição na galeria Nara Roesler; ao lado, obra de Sterling Ruby que está à mostra na filial paulistana da galeria inglesa White Cube

por exemplo, já está toda vendida.

A percepção visual está no centro do trabalho de Vik — não à toa, ele foi curador de uma mostra de op-art na mesma galeria, em setembro de 2012. O artista já “desenhou” com lixo, açúcar, macarrão, chocolate ou diamantes em busca de um “realismo pictórico contemporâneo”.

— Essa série vem um pouco do meu trabalho com lixo — diz, referindo-se ao que criou com catadores de Gramacho. — O lixo é algo entre o objeto e a matéria, é o fragmento de uma coisa, e isso eu comecei a perceber que se aplicava a revistas. Seu olho não consegue parar numa imagem, são fragmentos. É como se fizesse uma coleta, e o lixo visual fica em você.

Vik, então, diz propor uma “relação inteligente” com esse resíduo. Defende que “já não há mais pureza de imagem, tudo está poluído de referências” e, por isso, decidiu “recriar imagens a partir de bilhões de extrações”.

Como subtema da série que expõe agora está a identidade

visual das mulheres. A maior parte dos recortes de revistas, conta o artista, foi feita a partir de revistas femininas. As pinturas que escolheu refazer também retratam, em sua maioria, mulheres.

— Nunca procuro uma estrutura temática numa exposição, mas ao contrário: procuro uma exposição na qual possa discutir valores. Vejo uma mostra como um LP, para o qual você seleciona músicas que parecem combinar — afirma.

O mote recorrente dos fragmentos, do lixo à revista, é algo de que não consegue “se livrar”, como diz. Usa a colagem como pincelada para criar trabalhos que jogam com a capacidade de o olho lidar com o todo e com as partes, alternadamente.

— Se estou me repetindo? Que artista não se repete? Desenvolvi uma linguagem e estou percorrendo o caminho dela. Tem maneiras incrivelmente diferentes de se fazer a mesma coisa.

*A repórter viajou a convite da galeria Nara Roesler*